

LEITURAS DE PEDRO LEMEBEL SOBRE *STONEWALL*

(OU ALGUMAS NOTAS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE, CAPITALISMO E LATINIDADE)

LECTURAS DE PEDRO LEMEBEL SOBRE *STONEWALL*  
(O ALGUNAS NOTAS SOBRE HOMOSEXUALIDAD, CAPITALISMO Y LATINIDAD)José Veranildo Lopes da Costa Junior<sup>1</sup>

**RESUMO:** Pedro Lemebel é um autor de destaque no âmbito das literaturas hispânicas, tendo sido tema de estudo em pesquisas (COSTA JUNIOR, 2020; HOSIASSON, 2019; LEAL, 2007) que se debruçam sobre questões acerca, principalmente, da performance literária e das discussões sobre memória e ditaduras. Além da publicação do romance *Tengo miedo torero* (2002), Lemebel firmou-se na crítica literária como um cronista de referência. Sua obra caracteriza-se por um tom extremamente ácido e irônico, discutindo questões como a desigualdade social, a violência de gênero e o autoritarismo latino-americano. Além disso, três temas parecem entrecruzar a obra do romancista chileno: a homossexualidade, a problematização econômica (capitalismo) e o fazer político. Neste artigo, propomos uma leitura da narrativa *Crónicas de Nueva York - El Bar Stonewall*, publicada no livro *Loco afán* (2009), com o objetivo de refletir sobre de que modo um autor homossexual nascido e criado no Sul do mundo promove uma crítica ao movimento gay norte-americano. Para tanto, centramos a análise da crônica nas categorias de capitalismo e latinidade a partir das contribuições dos estudos decoloniais, mas também de textos do próprio Lemebel, como o conhecido manifesto *Hablo por mi diferencia* (2002). Sinalizamos que, através do que podemos entender como uma postura decolonial, Pedro Lemebel propõe uma reflexão sobre a homossexualidade a partir do Sul do mundo, corroborando uma identidade sobre o gay latino-americano.

**Palavras-chave:** Pedro Lemebel; capitalismo; latinidade; decolonialidade.

**RESUMEN:** Pedro Lemebel es un autor de destaque en el ámbito de las literaturas hispánicas, y ha sido tema de estudios en investigaciones (COSTA JUNIOR, 2020; HOSIASSON, 2019; LEAL, 2007) que tratan, principalmente, de la performance literaria y de las discusiones sobre memoria y dictaduras. Además de la publicación de la novela *Tengo miedo torero* (2002), Pedro Lemebel es considerado por la crítica literaria como un cronista de referencia. Su obra se caracteriza por un tono extremadamente ácido e irónico, discutiendo cuestiones como la desigualdad social, la violencia de género y el autoritarismo latino-americano. Además de eso, tres temas parecen cruzar la obra del novelista chileno: la homosexualidad, la problematización económica (capitalismo) y el hacer político. En este artículo, proponemos una lectura de la narrativa *Crónicas de Nueva York - El Bar Stonewall*, publicada en el libro *Loco afán* (2009), con el objetivo de reflexionar sobre de qué modo un autor homosexual nacido y creado en el Sur del

<sup>1</sup> Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - PPGL/UERN. Professor Adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal da Paraíba - DL/UFPB.

mundo promove uma crítica ao movimento gay norte-americano. Para tanto, centramos o análise da crônica em as categorias de capitalismo e latinidade a partir de as contribuições de os estudos decoloniais, pero también de textos del mismo Lemebel, como el conocido manifiesto *Hablo por mi diferencia* (2002). Señalamos que, a través de lo que podemos entender cómo una postura decolonial, Pedro Lemebel propone una reflexión sobre la homosexualidad desde el Sur del mundo, corroborando una identidad latino-americana.

**Palabras-clave:** Pedro Lemebel; capitalismo; latinidad; decolonialidad.

## 1 Introdução

Ainda pouco conhecido no Brasil, Pedro Lemebel é um romancista, artista plástico e *performista* chileno, nascido na capital Santiago, em 21 de novembro de 1952 e falecido em 22 de janeiro de 2015, nesta mesma metrópole latino-americana. O projeto literário do escritor é constituído pela publicação de inúmeras crônicas que retratam o cotidiano de vida de um homossexual suburbano residente em terras chilenas. Lemebel escreveu um único romance intitulado *Tengo miedo torero* (2002), o qual tem ganhado repercussão em pesquisas de estudiosos brasileiros, a exemplo de uma tradução comentada para a língua portuguesa através da tese de doutorado de Covalski (2020).

A obra ficcional de Pedro Lemebel é caracterizada por um tom extremamente crítico e irônico a uma arquitetura do cotidiano truculento vivido ao longo da ditadura cívico-militar comandada por Pinochet. Outros temas, como a desigualdade social e a violência de gênero, são problematizados, sobretudo na coleção de crônicas publicadas em livros como *La esquina es mi corazón* (1995) e *Loco afán: selección de crónicas de sidario* (2009).

Três traços parecem entrecruzar a obra do romancista chileno: a homossexualidade, a problematização econômica (capitalismo) e o fazer político. Desse modo, as crônicas de Pedro Lemebel possibilitam uma visão da América Latina tendo como suporte as lentes de um narrador homossexual e proletário que mescla histórias vividas pelo autor no cotidiano dos personagens ficcionais. Essas narrativas podem ser lidas a partir de uma epistemologia decolonial, entendendo este campo do conhecimento como um conjunto de saberes - dentre eles o literário - que, ao resistir e desconstruir perspectivas hegemônicas, nos ajudam a reconstruir a nossa própria história.

A decolonialidade em Pedro Lemebel emerge a partir dos três traços citados anteriormente, os quais permeiam a sua obra. A homossexualidade transforma-se em um mecanismo de resistência a uma heterossexualidade compulsória, mostrando que corpos *abjetos* também ajudam a reconstruir a história do Chile. A discussão econômica, pautada em uma grande crítica ao capitalismo selvagem aplicado ao Sul do mundo, nos permite pensar nas dificuldades vividas não apenas por um homossexual padrão, mas por um gay proletário, afeminado e pobre. Por fim, o fazer político, ao costurar a homossexualidade e a crítica ao capitalismo, aponta para a necessidade de uma política executada por e para sujeitos suburbanos. Em outras palavras, Pedro Lemebel tensiona a necessidade de gays e pobres ocuparem o espaço político com o objetivo de desconfigurar o capitalismo e todas as imposições decorrentes desse modelo econômico.

Neste artigo, apresentamos uma análise de *Crónicas de Nueva York - El Bar Stonewall*,

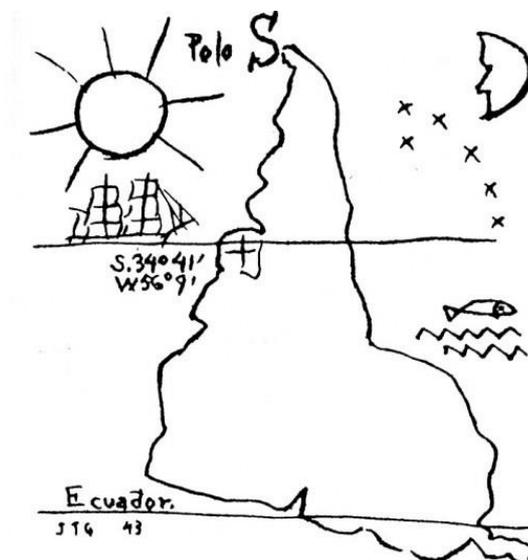
narrativa publicada por Pedro Lemebel na obra *Loco afán* (2009), com o intuito de tecer algumas observações sobre o modo como a crítica do romancista chileno direcionada às engrenagens do capitalismo norte-americano possibilita um olhar para o movimento gay latino-americano, a partir do reconhecimento da latinidade como traço que marca a resistência homossexual no Sul do mundo.

Para tanto, o nosso texto organiza-se em dois momentos. Inicialmente, compartilharemos algumas reflexões sobre decolonialidade e a urgência em pensar a América Latina por ela mesma. Neste tópico, desejamos também discutir sobre características da militância gay latino-americana, estabelecendo uma aproximação com os movimentos de resistência surgidos nos Estados Unidos. Na segunda seção do artigo, apresentaremos uma análise da narrativa *Crônicas de Nueva York - El Bar Stonewall* (LEMEBEL, 2009), problematizando o perfil do militante latino-americano e as razões pelas quais *Stonewall* tornou-se um dos símbolos de maior relevo na resistência gay no mundo ocidental.

## 2 A América Latina pensada por ela mesma

Em 1943, o artista hispano-uruguaio Joaquín Torres García produz e dá a conhecer sua obra intitulada “América Invertida”, desenho à caneta e tinta que se transformou em uma das referências estéticas para pensar a decolonialidade a partir do Sul do mundo, especialmente, no contexto latino-americano. A seguir, reproduzimos a obra em questão:

Imagem 01: América Invertida, de Joaquín Torres García



Fonte: retirado do banco de imagens do Google

O desenho de Torres García, ao desconfigurar uma geografia tradicional, traz a representação de uma outra América que, ao ter como ponto de orientação o Sul, promove uma desterritorialização da cartografia hegemônica, sendo esta responsável por segregar a terra entre dois polos antagônicos. Esta dicotomia operante pode ser mencionada de inúmeras formas, tais como: Norte e Sul, colonizador e colonizado, explorador e explorado, potências econômicas e

países em desenvolvimento, civilização e barbárie, centro e periferia, etc. Estes pontos de referência nos remetem aos processos de colonização do mundo, uma vez que são os países do Norte (Estados Unidos e os que compõem a Europa, principalmente) os principais responsáveis por movimentos de exploração no Sul.

Nessa perspectiva, o sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005) afirma que a América Latina corresponde a um primeiro espaço/tempo de um padrão de poder mundial alicerçado, dentre outros traços, pelas diferenças entre conquistados e conquistadores em torno aos conceitos de raça e etnia. Decorre daí a ideia de que os europeus brancos são considerados um povo superior, enquanto indígenas e miscigenados são caracterizados por uma dita inferioridade étnico-racial, vista apenas no Sul. Entretanto, é preciso dizer que o próprio conceito de Sul é heterogêneo e remete a complexos e distintos processos de exploração colonial, construção identitária e reconhecimento do outro. Sobre a questão, Todorov chama a atenção:

Em primeiro lugar, a descoberta da América, ou melhor, dos americanos, é sem dúvida o encontro mais surpreendente de nossa história. Na “descoberta” dos outros continentes e dos outros homens não existe, realmente, este sentimento radical de estranheza. Os europeus nunca ignoraram totalmente a existência da África, ou da Índia, ou da China, sua lembrança esteve sempre presente, desde as origens. (TODOROV, 2014, p. 05)

Para o filósofo búlgaro, a colonização/exploração da América é “sem dúvida, o encontro mais surpreendente de nossa história” (TODOROV, 2014, p. 05), pois, enquanto outras regiões do Sul constituem uma breve lembrança no imaginário europeu, a América é completamente estranha e inimaginável para os colonizadores e exploradores provenientes daquele continente. Portanto, os europeus concebem a existência e o reconhecimento da diferença a partir dos povos africanos, indianos e chineses, conforme cita Todorov, porém

o desejo de enriquecer e a pulsão de domínio, essas duas formas de aspiração ao poder, sem dúvida nenhuma motivam o comportamento dos espanhóis; mas este também é condicionado pela ideia de que fazem dos índios, segundo a qual estes lhes são inferiores, em outras palavras, estão a caminho entre os homens e os animais. Sem essa premissa essencial, a destruição não poderia ter ocorrido. (TODOROV, 2014, p. 211)

Assim, o indígena mencionado por Todorov remete ao imaginário europeu sobre o povo latino-americano como subalterno, algo que vai se agravar ainda mais com o processo de escravização do povo afrodiaspórico - já que as pessoas negras escravizadas estariam em uma posição inferior à dos indígenas. Nesta visão, predominava também a construção da imagem estereotipada de um sujeito bárbaro e selvagem, sendo necessário colonizá-lo e apresentá-lo aos fundamentos da fé cristã. A este respeito, Passamani (2008, p. 32), sustenta que:

Este território passou por inúmeras transformações. Tornou-se independente. Fragmentou-se em diversos países. Neste cenário de mudanças políticas, econômicas e sociais, faço a mesma pergunta de sempre: onde estão as homossexualidades entre os latino-americanos? Este lugar não existe. Entretanto, se onde há poder, há resistência, diante do poder hegemônico da

religião oficial e da imposição de um modelo, as homossexualidades existiam nos subterrâneos da história oficial. Possíveis, mas não visíveis.

Nesse sentido, é importante frisar a relação de controle e subjugação de corpos que se impõe com o cristianismo, o que desemboca em opressões a vivências de sexualidades não hegemônicas. No caso latino-americano, conforme explica Passamani (2008), a narrativa contada nesta parte do continente, sustentada por preceitos cristãos, classificava a homossexualidade como um pecado, dando aos sujeitos homossexuais a condição de um não-lugar e de sistemáticas tentativas de apagamento e silenciamento.

Torna-se urgente recordar que processos de exploração não se resumem a uma imposição de poder e de conquistas de terras, mas também a uma colonização cultural do outro. A escritora Chimamanda Ngozi Adichie, por exemplo, colocou este tema em discussão na ocasião da palestra intitulada “O perigo da história única”, ao contestar como as narrativas norte-americanas e britânicas lidas por uma menina negra nigeriana se afastam da sua realidade, criando um mundo completamente estrangeiro para uma garota que vive em África, um outro Sul do mundo. As histórias contadas para as crianças africanas, como no caso de Chimamanda, não são escolhidas de forma aleatória e sem pretensão de valores, pelo contrário, fazem parte de um projeto de poder e de colonização das subjetividades, e da forma de pensar do outro.

Em uma perspectiva de enfrentamento às narrativas hegemônicas e de reconstrução da nossa própria história, os estudos decoloniais nos direcionam a novos modos de interação com o conhecimento, reconfigurando as lentes com as quais enxergamos o mundo. Esse exercício de (re)pensar a ciência, o conhecimento e as narrativas que nos circundam é uma das propostas do pensamento decolonial, cujos arcaibouços teóricos são debatidos ao longo da obra de Aníbal Quijano, autor citado anteriormente; nas chamadas “Epistemologias do Sul”, do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2010); no feminismo decolonial de Françoise Vergès (2020); no feminismo comunitário com características decoloniais, da boliviana Julieta Paredes (2010), dentre outros/as estudiosos/as que aqui poderiam ser elencados/as.

Para além disso, diversos campos do conhecimento também têm, nas últimas décadas, problematizado a noção de colonialidade e decolonialidade nas suas áreas de atuação, a exemplo da própria crítica literária. Nesta perspectiva, a produção político-literária de Pedro Lemebel se destaca. No caso do ficcionista chileno, a decolonialidade faz parte do projeto político de vida de um homossexual suburbano, pobre, afeminado e nascido no Sul do mundo. Em diversos momentos de sua obra, Lemebel problematiza questões como homossexualidade e pobreza, colocando em discussão a ideia de que a recepção de uma orientação sexual que destoa da heterossexualidade compulsória é relativamente melhor aceita quando se trata de sujeitos brancos e pertencentes às classes sociais mais abastadas. Os traços que desenham o rosto de um homossexual latino-americano emergente são descritos por Pedro Lemebel no famoso manifesto *Hablo por mi diferencia*:

No soy Pasolini pidiendo explicaciones  
No soy Ginsberg expulsado de Cuba  
No soy un marica disfrazado de poeta  
No necesito disfraz  
Aquí está mi cara  
Hablo por mi diferencia  
Defiendo lo que soy  
Y no soy tan raro

Me apesta la injusticia  
Y sospecho de esta cueca democrática  
Pero no me hable del proletariado  
Porque ser pobre y maricón es peor  
Hay que ser ácido para soportarlo

(LEMEBEL, 2009, p. 83)

Neste texto, Lemebel coloca em discussão a relação entre homossexualidade e capitalismo no momento em que problematiza o recorte de classe social, a partir do marcador da pobreza. O autor, ao associar a homossexualidade à lógica capitalista, mostra que um homossexual que serve ao capital, sem provocar fissuras e rompimentos a este modelo econômico, consegue um lugar nesta sociedade. Em outros termos, no âmbito da homossexualidade, há vidas que ainda importam porque servem à grande estrutura capitalista e, de forma geral, em nada desconfiguram os padrões sociais estabelecidos por uma sociedade patriarcal-conservadora-capitalista.

Outrossim, quando nos dedicamos ao estudo sobre a homossexualidade na América Latina, percebemos que o surgimento de grupos políticos de resistência encontra-se interligado com as lutas e com os movimentos sociais dos Estados Unidos, no século XX, quando “o cenário mundial era o da bipolaridade. De um lado o mundo capitalista sob a hegemonia dos Estados Unidos da América do Norte. De outro, o mundo socialista, dominado pela União das Repúblicas da América do Norte” (PASSAMANI, 2008, p. 34). Ainda de acordo com Passamani, após a chamada *Batalha de Stonewall*, movimentos de resistência gay começam a surgir na América Latina, principalmente na Argentina, no Brasil e no Chile:

O moderno movimento homossexual surge em um pequeno bar de Nova Iorque, localizado no *Greenwich Village*, mas que se tornou emblemático para compreender os desdobramentos que resultam na incipiente visibilidade das homossexualidades. Trata-se do bar *Stonewall Inn*, um espaço de frequência de homossexuais nova-iorquinos. Neste bar aconteceu a resistência de gays perante a retaliação de uma polícia corrupta. A lógica secular da fuga do “armário” dava lugar ao enfrentamento, mais do que ideológico, ao enfrentamento físico. Fez-se uma verdadeira batalha campal. (PASSAMANI, 2008, p. 94)

Autores como Passamani (2008) e Quinalha (2017), por exemplo, pontuam a importância do movimento de resistência gay nascido em *Stonewall* e suas ressonâncias para a América Latina, especialmente no caso dos países do Cone Sul. É verdade que grupos de enfrentamento à truculência da polícia norte-americana foram fundamentais para a construção de um forte movimento de resistência nacional que, devido a outros fatores, conseguiu mostrar para o mundo a relevância das lutas de classe. Entretanto, pouco se discute o caráter classista dos movimentos revolucionários nos Estados Unidos e, em certa medida, na América Latina, embora essa observação já apareça no trabalho de Passamani (2008, p. 83) que, por sua vez, defende que “as homossexualidades ganham os movimentos sociais em um período histórico muito recente. Tal período remete à metade do século XX, sobretudo após a *Batalha de Stonewall*. Antes disso, os movimentos sociais tinham uma dimensão bastante classista”.

Não estamos discordando diretamente do exposto por Passamani (2008), porque reconhecemos a importância de *Stonewall* para os movimentos de resistência gay nos Estados

Unidos e na América Latina, mas, quando comparada à resistência gay latino-americana, *Stonewall* ainda carrega(va) consigo um caráter elitista. Trata-se de um bar localizado no *Greenwich Village*, uma área nobre da cidade de Nova Iorque, onde se encontra, por exemplo, a *New York University*. Com isso, não se nega, como já dito em vários momentos, a relevância de *Stonewall* como marco para o movimento homossexual, mas é preciso levar em conta que Pedro Lemebel traz outras camadas interpretativas para essa questão, inclusive debatendo uma espécie de militância capitalista de vitrine, mais interessada na imagem do que na postura ativista. Por essa ótica, enquanto homossexuais norte-americanos resistiam à força da polícia dentro de um bar em uma zona nobre de uma das principais cidades do mundo, o homossexual latino-americano, sintetizado pela imagem de Pedro Lemebel, resistia ao silêncio imposto pelas sanguinárias ditaduras<sup>2</sup>. Nas palavras do autor chileno:

No sabe que la hombría  
 Nunca la aprendí en los cuarteles  
 Mi hombría me la enseñó la noche  
 Detrás de un poste  
 Esa hombría de la que usted se jacta  
 Se la metieron en el regimiento  
 Un milico asesino  
 De esos que aún están en el poder  
 Mi hombría no la recibí del partido  
 Porque me rechazaron con risitas  
 Muchas veces  
 Mi hombría la aprendí participando  
 En la dura de esos años  
 Y se rieron de mi voz amariconada  
 Gritando: Y va a caer, y va a caer  
 Y aunque usted grita como hombre  
 No ha conseguido que se vaya  
 Mi hombría fue la mordaza  
 No fue ir al estadio

(LEMEBEL, 2009, p. 86).

Pedro Lemebel ironiza a fragilidade de uma masculinidade aprendida nos quartéis militares ao mostrar que o homossexual enfrenta a truculência da vida no cotidiano dos dias comuns, numa noite qualquer, escondido atrás de um poste. De acordo com o autor, a resistência gay constitui-se a partir do enfrentamento aos militares que, nas últimas décadas do século XX, golpearam a democracia, amordaçando aqueles que se opuseram aos regimes cívico-militares. Ele também é um crítico dos próprios partidos de esquerda que ignoraram as pautas identitárias da agenda progressista<sup>3</sup>.

Portanto, faz parte de uma proposta decolonial, considerando a obra de Pedro Lemebel, refletir sobre o modo de construção de uma agenda de resistência no Sul do mundo, a partir de sujeitos homossexuais, pobres, suburbanos e dissidentes.

<sup>2</sup> Com isso, não temos a intenção de sugerir que determinada resistência é mais (ou menos) importante. Todas as formas de enfrentamento aos mecanismos de força do Estado têm sua transcendência.

<sup>3</sup> Nesse ponto, vale a pena conhecer a obra de Reinaldo Arenas, autor cubano que também faz interessantes observações sobre a esquerda latino-americana e, de modo particular, ao regime de Fidel Castro.

### 3 Homossexualidade e latinidade

Em 1982, Gabriel García Márquez proferiu uma conferência intitulada “La soledad de América Latina”, cujo discurso celebrava a sua indicação ao Prêmio Nobel de Literatura. Na ocasião, o autor colombiano refletia sobre a América Latina e a condição de vida do povo que habita essa região do continente americano a partir “del nudo de nuestra soledad” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 10), mas também de um sentimento de pertencimento a essa terra.

O romancista recorda que a história da América Latina é constituída por períodos de violência, passando pelas imagens fantasmagóricas dos navegantes europeus quando chegaram neste Sul do mundo, pelas ditaduras cívico-militares do século XX, pela morte e pela fome, realidades estas que fazem parte do cotidiano de vida do povo latino-americano. O texto não apresenta apenas uma crítica à história da Europa, pois o discurso de Gabriel García Márquez ajuda a reconstruir a nossa própria história a partir do olhar de um cidadão latino-americano, arquiteto de uma Macondo que, embora fictícia, poderia ser uma das primeiras cidades a colocar a narrativa europeia em questionamento. Ao problematizar o Norte, o autor pontua que:

Es comprensible que insistan en medirnos con la misma vara con que se miden a sí mismos, sin recordar que los estragos de la vida no son iguales para todos, y que la búsqueda de la identidad propia es tan ardua y sangrienta para nosotros como lo fue para ellos. La interpretación de nuestra realidad con esquemas ajenos solo contribuye a hacernos cada vez más desconocidos, cada vez menos libres, cada vez más solitarios. Tal vez la Europa venerable sería más comprensiva si tratara de vernos en su propio pasado. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 10)

Ainda que a discussão de Gabriel García Márquez faça referência direta ao modo como a Europa, ao longo da história, promoveu períodos de opressão e violência na América Latina, poderíamos aqui associar esse mesmo contexto a uma imagem genérica do Norte do mundo, incluindo os Estados Unidos, país que financiou inúmeras guerras no continente africano e, na América Latina, impôs a Cuba um severo bloqueio econômico, além de ser acusado de financiar golpes de Estado, por exemplo. Este contexto é explicado por Eduardo Galeano, na obra *As Veias Abertas da América Latina*. Nas suas palavras:

Para os que concebem a História como uma contenda, o atraso e a miséria da América Latina não são outra coisa senão o resultado de seu fracasso. Perdemos, outros ganharam. Mas aqueles que ganharam só puderam ganhar porque perdemos: a história do subdesenvolvimento da América Latina íntegra, como já dito, a história do desenvolvimento do capitalismo mundial. (GALEANO, 2012, p. 11)

Por sua vez, Eduardo Galeano estabelece relações entre a condição de vida na América Latina e o desenvolvimento do capitalismo. Para o autor, é preciso reconhecer que a miséria vivida nos países latino-americanos é resultado de um mundo alicerçado pelo modelo

econômico neoliberal. Há, portanto, uma relação intrínseca entre pobreza e capitalismo, tema abordado pelo autor uruguaio e discutido na obra do chileno Pedro Lemebel, escritor que nos interessa analisar de forma mais concreta nos próximos parágrafos.

Em 2009, Lemebel publica o livro *Loco afán: selección de crónicas de sidario*, obra que reúne um conjunto de crônicas curtas já clássicas, a exemplo de *La noche de los visones (o la última fiesta de la Unidad Popular)* e *La transfiguración de Miguel Angel (o la fé mueve montañas)*, narrativas que assumem uma crítica política, juntamente com o manifesto *Hablo por mi diferencia*, texto lido em um protesto de esquerda em 1986, na capital chilena. Além das referências citadas anteriormente, destaca-se também *Crónicas de Nueva York - El Bar Stonewall*, escrita em primeira pessoa, a partir de um narrador-personagem.

Esta última narrativa citada exprime uma experiência de viagem do narrador aos Estados Unidos, quando “lo invitan a Nueva York con todos los gastos pagados a participar del evento Stonewall, a veinte años del apaleo policial protagonizado por las chicas que en 1964 se tomaron un bar en el barrio del Village” (LEMEBEL, 2009, p. 55). O enredo tem como pano de fundo o famoso bar *Stonewall*, palco de uma revolta popular que durou cerca de uma semana. Em sua tese de doutorado, Camargos recorda os ataques ocorridos no *Village*, tendo como resultado a resistência de “gays, drags, trans e lésbicas que diziam um basta aos policiais corruptos pelos abusos diários, inclusive nas ruas, pelas batidas e agressões gratuitas em bares, pelas prisões constantes que eram comuns durante a década de 60” (CAMARGOS, 2007, p. 57).

Como mencionado em outros momentos, não questionamos a importância de *Stonewall* para o movimento gay norte-americano, mas Pedro Lemebel também mostra como a rebelião ocorrida transformou-se em uma rota turística que financia o próprio capitalismo. Nas palavras do autor:

Que si a uno le cuentan el cuento y se siente obligado a persignarse en el lugar del suceso. Un barcito oscuro, santuario de la causa homosexual donde viene la sodomía turística a depositar sus ofrendas florales. Porque ahí, en la vitrina, se exhiben las fotos desteñidas de las veteranas hipientas que resistieron no sé cuántos días el acoso de la ley, la agresión policiaca que pretendió desalojarlas sin éxito. Entonces, como no derramar una lágrima en esta gruta de Lourdes Gay, que es como un altar sagrado para los miles de visitantes que se sacan la visera Calvin Klein y oran respetuosamente unos segundos cuando desfilan frente al boliche. (LEMEBEL, 2009, p. 55)

*Stonewall* é marcado na história dos movimentos homossexuais como um dos mais relevantes eventos de resistência a uma heterossexualidade compulsória e à tentativa de apagamento de uma identidade gay em Nova Iorque, conforme debatido por Camargos (2007), dentre outros autores. O narrador-personagem da crônica de Pedro Lemebel sente-se obrigado a conhecer o pequeno bar no *Village*, na grande metrópole norte-americana, após receber um convite para viajar com todos os gastos pagos. A ironia parte da crença de que a militância gay precisa conhecer, preservar e manter a narrativa de *Stonewall* como “o bafon que mudou e marcou nossa história”, subtítulo de um dos tópicos da tese de Camargos (2007). Ao chegar ao Bar, o narrador alfineta uma multidão de pessoas que todos os anos viajam até Nova Iorque para, segundo ele, derramar lágrimas e encher a calçada do estabelecimento de flores em homenagem aos homossexuais da década de 60.

No Brasil e nos Estados Unidos, o capitalismo nomeia de *Pink Money* todo movimento que tem por objetivo vender à comunidade gay um produto, uma experiência, uma vivência, assim como ocorre em *Stonewall*, espaço que no decorrer dos anos acabou por ser incorporado à lógica capitalista da rentabilidade. Nesse sentido, o narrador também relata o perfil do homossexual norte-americano “con una tonelada de músculos y físicoculturistas, en minishort, peladas y con aritos, las parejas de hombres en patines pasan de la mano sopladas por tu lado como si no te vieran” (LEMEBEL, 2009, p. 56). O capitalismo, portanto, parece conceber a existência homossexual, desde que este público sustente as engrenagens de um mundo classista e neoliberal, sendo representado pela descrição que Pedro Lemebel faz dos homens gays que visitam *Stonewall*, a exemplo dos homossexuais musculosos que se locomovem em patins numa grande cidade dos Estados Unidos. Esse mesmo tecido social ignora o homossexual latino-americano por ter hábitos de vida diferentes daqueles incentivados por uma cultura do *Pink Money*.

Como te van a dar pelota si uno lleva esta cara chilena asombrada frente a este Olimpo de homosexuales potentes y bien comidos que te miran con asco, como diciéndote: Te hacemos el favor de traerte, indiecita, a la catedral del orgullo gay. Y uno anda tan despistada en estos escenarios del Gran Mundo, mirando las tiendas llenas de fetiches sadomasoquistas, de clavos, alfileres de gancho y tornillos y pinches y cuanta porquería metálica para torturarse el cutis. (LEMEBEL, 2009, p. 56)

A aproximação entre a homossexualidade e o capitalismo, através de uma cultura do *Pink Money*, implica na reprodução de modos de vida neoliberais e heterossexuais. Dito de outra forma, embora as grandes metrópoles, incluindo a cidade de Nova Iorque, sejam marcadas por uma aparente diversidade cultural, através de uma visão decolonial, percebemos como um conjunto de homossexuais que vivem nestes grandes centros urbanos se aproxima do capitalismo para reproduzir o padrão de uma virilidade socialmente aceita. O perfil é quase sempre o mesmo: o gay de classe média, branco, bem vestido e que alimenta a lógica do capital através do *Pink Money* e da manutenção de *Stonewall* como um lugar turístico sob o qual todo homossexual que deseje entrar nessa bolha social deve conhecer. Pedro Lemebel finaliza a narrativa com outra crítica:

En este sector de Manhattan, la zona rosa de Nueva York donde las cosas valen un ojo de la cara, el epicentro del tour comercial para los homosexuales con dólares que visitan la ciudad. Sobre todo en esta fiesta mundial en que la isla de Manhattan luce embanderada con todos los colores del arco iris gay. Que más bien es uno solo, el blanco. Porque talvez lo gay es blanco. Basta entrar en Stonewall, que siempre está de noche, para dar cuenta que la concurrencia es mayoritariamente clara, rubia y viril, como esas cantinas de las películas de vaqueros. Y si por causalidad hay algún negro y alguna loca latina, es para que no digan que son antidemocráticos. (LEMEBEL, 2009, p. 56)

É importante que a resistência gay contra as tentativas de heterossexualização compulsória da vida ocupe todos os espaços sociais. *Stonewall* assume uma postura crítica ao tratamento da polícia norte-americana a comunidade gay da época. No entanto, é fundamental nos perguntarmos por quais razões este movimento é reconhecido como o evento que mudou e

marcou a nossa história, conforme subtítulo da pesquisa de Camargos (2007), já mencionado. A luta de gays brancos e, em muitos casos, de classe média, que ocuparam um bar em Manhattan é capaz de representar homossexuais latino-americanos que, nas mesmas décadas, resistiam às perseguições políticas durante as ditaduras cívico-militares nos países do Cone Sul, por exemplo? Ou será que *Stonewall* entra para a história do movimento gay porque se assume que a identidade do homossexual que importa é a do sujeito branco, oriundo de uma grande *uber* do Norte do mundo?

A visão de Pedro Lemebel sob *Stonewall* nos leva também a questionar por qual razão a história da homossexualidade é, majoritariamente, contada por homens, brancos e em inglês. O Sul do mundo e a comunidade latino-americana não contribuem em torno desse debate? Como ironiza Pedro Lemebel, talvez seja a hora de (re)construir a história do movimento gay na América Latina, para que homossexuais negros e latino-americanos não sejam lembrados apenas quando for conveniente socializar uma estratégia de poder que garanta que determinada narrativa não seja taxada de antidemocrática, por ausência de representatividade.

#### 4 Conclusões

Neste artigo, apresentamos uma leitura de *Crônicas de Nueva York – El Bar Stonewall*, narrativa escrita em primeira pessoa, a partir de um narrador-personagem e publicada por Pedro Lemebel na obra *Loco afán: selección de crónicas de sidario* (2009). Tendo como orientação os estudos decoloniais, buscamos examinar as críticas de Lemebel ao movimento gay norte-americano, a partir do momento em que o protagonista da crônica citada conhece o famoso bar no *Village*, em Nova Iorque.

A leitura provocativa de Pedro Lemebel sobre *Stonewall* nos leva a repensar a história que nos contam acerca da resistência gay nos Estados Unidos, na década de 1960. Na crítica teórica (CAMARGOS, 2007; QUINALHA, 2017), é comum encontrarmos referências que apontam a revolta ocorrida em Nova Iorque como um dos eventos mais importantes da história do movimento gay na América.

No entanto, a crônica publicada por Pedro Lemebel nos convida a pensar na representatividade desse movimento a partir dos sujeitos que constroem essa história. O perfil do homem branco, de classe média e que, de certa forma, reproduz estereótipos de uma masculinidade/heterossexualidade, implica reconhecer o modo como o homossexual norte-americano alimenta as estruturas excludentes do modelo econômico capitalista.

Por fim, mas não menos importante, a crônica de Pedro Lemebel aproxima-se de uma perspectiva decolonial porque reconhece a importância de *Stonewall*, mas não se furta de apresentar críticas ao movimento citado pela ausência de representatividade mostrando, ainda, como o capitalismo se apropria das pautas identitárias, a partir do que nós chamamos de cultura do *Pink Money*.

Se aceitamos a ideia de que o pensamento teórico, principalmente no contexto das ciências humanas e sociais, tem buscado repensar a construção do conhecimento tendo em vista um saber menos colonial e preconceituoso, certamente, em 2009, Pedro Lemebel já nos chamava para reconstruir a história dos movimentos gays na América Latina, não mais pelo olhar do Norte, mas pela visão do sujeito latino-americano e anticapitalista, buscando uma compreensão heterogênea e multifacetada do sujeito gay, para além do modelo hegemônico.

## Referências

- CAMARGOS, M. L. de. *Sobressaltos: caminhando, cantando e dançando na f(r)esta da Parada do Orgulho Gay de São Paulo*, 2007. 270 f. (Doutorado em Linguística) - UNICAMP, Campinas, 2007.
- ADICHIE, C. N. *O Perigo da História Única*. Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento Technology, Entertainment and Design (TED Global), 2009. Link para acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ&t=294s> Acesso em: 25 de novembro de 2021.
- COVALSKI, A. M. R. *Tradução autoral comentada do romance Tengo miedo torero, do chileno Pedro Lemebel, em suas transversalidades sociais, políticas e culturais*. 2020. 211 f. (Doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- COSTA JUNIOR, J. V. L. *Homossexualidade e autoritarismo: uma leitura de Herbert Daniel, Osvaldo Bazán e Pedro Lemebel*. 2020. 178 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2020.
- GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. Trad. Sergio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.
- GARCÍA MÁRQUEZ, G. La soledad de América Latina. *Revista do Imea*, v. 2 n. 1, 2014.
- HOSIASSON, L. J. Tengo miedo torero, de Pedro Lemebel: pasodoble e melodrama. In: *Revista Literatura e Sociedade*, v. 29, pp. 141-149, 2019.
- LEAL, J. H. G. *La esquina es mi corazón: espacialidades performáticas nas crônicas de Pedro Lemebel*. 2007. 149 f. Dissertação (Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- LEMEBEL, P. *Loco afán: crônicas de sidario*. Buenos Aires: Editorial La Página S. A, 2009.
- LEMEBEL, P. *Tengo miedo torero*. Santiago: Seix Barral, 2002.
- LEMEBEL, P. *La esquina es mi corazón: crónica urbana*. Santiago: Editorial Cuarto Propio, 1995.
- PASSAMANI, G. R. *O arco-íris (des)coberto: homossexualidades masculinas, movimentos sociais e identidades regionais - os casos de Porto Alegre e Buenos Aires*, 2008. 163 f. (Mestrado em Integração Latino-americana) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- QUINALHA, H. Q. *Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*, 2017. 329 f. (Doutorado em Relações Internacionais) - USP, São Paulo, 2017.
- PAREDES, J. *Hilando fino. Desde el feminismo comunitario*. La Paz: Comunidad mujeres creando comunidad, 2010.
- SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Editora Cortez, 2010.
- TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo Martins Fontes, 2014.
- VERGES, F. *Um feminismo decolonial*. Trad. Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Recebido em: 03/08/2021

Aceito em: 16/11/2021